

**PARA UMA HISTÓRIA MILITAR GLOBAL: GUERRAS DE GUERRILHAS NA PERIFERIA DA GUERRA FRIA****FOR A GLOBAL MILITARY HISTORY: WAR OF GUERRILLAS AT THE PERIPHERY OF THE COLD WAR**

DOI 10.5281/zenodo.13856891

Bruno Ribeiro Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende evidenciar o trânsito de ideias no campo da guerra de guerrilha realizado por indivíduos e grupos da Ásia, África e América Latina que circularam entre movimentos de luta armada no contexto da Guerra Fria. O período analisado é útil para se analisar o aparecimento e o funcionamento de movimentos que acolhiam a guerra de guerrilha como conceito fundamental de suas estratégias. Diversos escritos, em forma de manuais, foram produzidos sobre esse tema e servem como fontes primárias deste estudo. Além de contribuir para uma história global da guerra de guerrilhas, levando em conta a produção, circulação e adaptação da teoria e prática da guerrilha nos continentes periféricos, o artigo busca abrir portas para o estudo e a cooperação entre os campos da história militar e da história política do sul global. Proponho uma análise sobre os contatos e as influências entre grupos guerrilheiros de diversos locais e com o uso de fontes, principalmente, da China, Vietnã, Brasil, Cuba e Gana. Isso permite apurar guerras de guerrilhas em suas características gerais e locais no contexto da Guerra Fria. Nessa conjuntura, as guerrilhas dificilmente ocorreram longe de enfrentamentos políticos e ideológicos que fizeram parte da disputa entre o bloco capitalista e socialista e seus impactos nos continentes periféricos. A circulação das ideias entre indivíduos e grupos guerrilheiros mostra um evento global com diversas fontes que ainda são pouco exploradas nas academias brasileiras.

**Palavras-chave:** Guerra de guerrilha. História militar. Sul global. Guerra Fria. Manuais de guerrilha.

**Abstract:** This article aims to highlight the movement of ideas in the field of guerrilla warfare carried out by individuals and groups from Asia, Africa and Latin America that circulated between armed struggle movements in the context of the Cold War. The period analyzed is useful for analyzing the emergence and functioning of movements that embraced guerrilla warfare as a fundamental concept in their strategies. Several writings, in the form of manuals, were produced on this topic and serve as primary sources for this study. In addition to contributing to a global history of guerrilla warfare, taking into account the production, circulation and adaptation of guerrilla theory and practice in peripheral continents, the article seeks to open doors for the study and cooperation between the fields of military history and political history of the global south. I propose an analysis of contacts and influences between guerrilla groups from different locations and using sources mainly from China, Vietnam, Brazil, Cuba and Ghana. This allows guerrilla wars to be investigated in their general and local characteristics in the context of the Cold War. At this juncture, guerrillas hardly occurred far from political and ideological confrontations that were part of the dispute between the capitalist and socialist bloc and its impacts on

---

<sup>1</sup> Doutor em História e Artes (Universidade de Granada). E-mail: E-mail: 1988broliveira@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4873-3858>

peripheral continents. The circulation of ideas between individuals and guerrilla groups shows a global event with diverse sources that are still little explored in Brazilian academies.

**Keywords:** Guerrilla warfare. Military history. Global south. Cold War. Guerrilla manuals

## Introdução

*Los caminos de los guerrilleros  
¡Cuánto se escribe en ellos!*<sup>2</sup>

Se a Guerra Fria caracteriza o conflito ideológico, econômico e armamentista no norte global, o sul global nesse mesmo período, viveu diversos tipos de conflitos militares que estão longe de ser considerados frios. Seja nas guerras de descolonização na Ásia e na África, onde muitas descolonizações guiaram-se por um objetivo revolucionário, ou nas lutas travadas na América Latina em relação com os blocos capitalista e socialista, a guerra de guerrilhas foi uma constante durante esse período.

Variadas guerras de descolonização na Ásia e na África no pós-Segunda Guerra Mundial, ou seja, no momento de crepúsculo do colonialismo europeu, foram responsáveis pelo desenvolvimento de teorias e experiências sobre guerrilhas que estavam ligadas a movimentos políticos de esquerda. Esses saberes sobre guerrilha não se limitaram aos seus locais de origem nem ocorreram em isolamento. Foram desenvolvidos e compartilhados entre Ásia, África e América Latina e nos possibilitam fazer uma história global das guerrilhas.

Nos interessa abrir portas para o estudo da história das guerras de guerrilhas durante a Guerra Fria. Possibilitar que o leitor compreenda a formação, transmissão, adaptação das ideias sobre guerrilha, seja em sua concepção militar ou em sua ligação com movimentos políticos socialistas, comunistas e revolucionários, é um dos objetivos deste artigo. Mas também nos interessa saber que esse é um campo bastante diminuto e que não possui produções, traduções, dissertações e teses em grande número no

---

<sup>2</sup> Trecho da poesia "Los Caminos de los Guerrilleros" de Venancio Salvatierra, datado, originalmente, de dezembro de 1982 (Gil, 1983, p. 106). Salvatierra foi fundador do *Partido Revolucionario de los Trabajadores Centroamericanos* (PRTC), sediado em Honduras mas com alcance em Costa Rica, Honduras, El Salvador, Nicaragua e Guatemala.

Brasil. Desse modo, o artigo pode ser apreciado por aqueles que querem iniciar explorações em áreas que ainda estão à espera de investigadores.

Não nos interessa os períodos anteriores ao século XX na história das guerras de guerrilhas. Esse tipo de guerra, ou outras formas de guerras irregulares, são antigas e estão presentes em outros períodos, mas para o propósito deste artigo, focaremos no período pós-Segunda Guerra Mundial sem deixar de reconhecer as continuidades e influências de tempos anteriores quando necessário.

Apesar da popularidade desse tipo de guerra no pós-Segunda Guerra, devido aos dramáticos conflitos vivenciados nas periferias do planeta (como na Argélia ou em Angola), da vitória de movimentos guerrilheiros (como na China, Cuba e Vietnã) e até da popularização de figuras guerrilheiras (como Che Guevara e Carlos Marighella), procuramos compreender que esses movimentos ainda não são efetivamente compreendidos de forma global e as conexões entre os pensadores e os atores das guerrilhas nem sempre é bem elucidado.

A cooperação entre movimentos políticos que defendiam e praticavam a guerra de guerrilha, num movimento de cooperação Sul-Sul durante a Guerra Fria, pode ser estudada através da troca de experiências, táticas, estratégias, deslocamento de guerrilheiros, treinamento de guerrilheiros e publicação de manuais de guerrilha que circulavam entre América Latina, África e Ásia. Isso demonstra a pluralidade da história da guerra de guerrilhas e, também, que muitos grupos guerrilheiros desenvolveram, importaram e exportaram suas formulações sobre guerra de guerrilha de forma global. O contexto da Guerra Fria é, possivelmente, o momento de maior circulação entre grupos e indivíduos adeptos da guerra de guerrilha num âmbito global.

O historiador que enveredar por esse caminho terá de saber que é possível realizar uma pesquisa focada nas questões militares de uma guerrilha, mas terá de reconhecer que muitas das guerrilhas praticadas no século XX, especialmente durante os enfrentamentos de um mundo dividido, dificilmente podem ser separadas dos pensamentos políticos que estão no cerne das guerrilhas. A noção de guerra de guerrilha e a própria conceituação do guerrilheiro como um agente da revolução,

tornaram-se, em muitos casos, parte das histórias das lutas guerrilheiras e revolucionárias. Chegou até o ponto de que se tornou possível pensar os termos como guerra de guerrilha e revolução quase como sinônimos.

As guerras de guerrilha em África, Ásia e América Latina não passavam despercebidas por Moscou, Washington, Pequim, Havana e as metrópoles europeias. Em diversos pontos do planeta, guerras de procuração, guerras anticoloniais, guerras de libertação, golpes de estado, guerras civis, torturas, assassinatos e desaparecimentos foram quase que sinônimos de vida em diversos países do terceiro mundo. O papel dos blocos capitalista e socialista nos acontecimentos do terceiro mundo são relevantes. Diversas dessas lutas travadas na periferia estavam próximas dos interesses ideológicos, políticos e econômicos dos blocos, ainda que mantivessem suas peculiaridades locais em termos sociais, políticos, ideológicos, culturais e econômicos.

### **Guerra de Guerrilha, Descolonização e Revolução na Guerra Fria**

Depois da Segunda Guerra Mundial, os impérios restantes da França e Reino Unido estavam combalidos e eram substituídos pelas potências soviética e estadunidense. Os povos colonizados que não foram considerados prontos para as condições do mundo contemporâneo na criação da Liga das Nações (1919), encontraram-se mais uma vez em uma situação de pós-guerra que não significava melhora de vida em troca do sangue derramado em nome das metrópoles (Prashad, 2007, p. 2).

A formação das Nações Unidas (1945) deu mais espaço às discussões sobre descolonização nas relações internacionais. O terrível desempenho da França em 1941 contra os nazistas, e as fraquezas do Reino Unido durante a guerra, ajudaram os colonizados a perceber o poder colonial e imperial desses centros de forma diferente. Enquanto o discurso de luta pela liberdade era verdade aos povos brancos e livres, ele era vedado aos povos colonizados. O racismo, a exploração colonial, as segregações às quais eram impostas aos africanos e asiáticos começaram a ser repelidas cada vez de forma mais radical.

As metrópoles coloniais, no contexto da Guerra Fria, decidiram lutar para manter sua hegemonia em algumas de suas zonas de influência, como a França na Indochina e na Argélia, o Reino Unido no Quênia e na Malásia, a Holanda na Indonésia e Portugal em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau (Clayton, 2012, p. 515). Esse primeiro momento assistiu ao surgimento de muitos grupos guerrilheiros que encontravam nessa guerra rápida e furtiva, uma maneira de lutar contra forças produtivas e tecnologicamente superiores e com mais recursos financeiros.

Um dos modos de descolonização (no sentido de livrar-se do controle imperial direto) em África e Ásia foram as guerras anticoloniais realizadas através de guerras de guerrilha. Desde os fracassos dos Mau Mau no Quênia (1952-1960) ou do Partido Comunista da Malásia (1948-1960), até os exemplos de vitórias de Guiné-Bissau (1961-1974), Argélia (1954-1962) e Vietnã (1955-1975), a guerra de guerrilha mostrou ser um método viável para se alterar as realidades políticas e socioeconômicas.

Alguns processos de descolonização sucederam-se através de negociações com as metrópoles que, em alguma medida, mantinham os seus interesses intactos nas ex-colônias. Mas nos cenários onde a quebra entre colonizador e colonizado era mais evidente, a violência foi parte recorrente do processo e a guerra de guerrilha foi uma das formas de emancipação. As guerrilhas do terceiro mundo tinham uma coisa em comum, todas tinham sido, em algum momento e de alguma forma, vítimas do colonialismo, do imperialismo e do capitalismo europeu ou estadunidense (Prashad, 2007, p.12; Bevins, 2022, p.24).

O que marca essas guerras de descolonização é o uso extensivo de métodos de guerrilha na África e na Ásia. Estudos sobre a história dessas experiências guerrilheiras do ponto de vista do colonizador, e as histórias das contrainsurgências, são abundantes em explicar como suas táticas, estratégias, logísticas, políticas e relações internacionais se moldaram com o contexto e os movimentos enfrentados (Clayton, 2012, p. 520). O mesmo não é verdade quanto à história militar dos movimentos guerrilheiros, a transmissão de ideias e o apoio mútuo entre esses grupos que lutavam em descolonizações e em descolonizações com vieses revolucionários.

A guerrilha, para muitos movimentos de esquerda anticoloniais, era uma ferramenta para a revolução social, política, econômica e epistemológica contra os antigos colonizadores. A guerra de guerrilha era um meio para impor uma nova ordem, seja pela expulsão de forças coloniais ou pela expulsão dessas mesmas forças junto de alterações profundas, normalmente com viés anticapitalista, na esfera econômica e social. Pode-se traçar a influência desse tipo de guerra, particularmente contra forças ocupantes e na busca por mudanças radicais, partindo de momentos vitoriosos das atividades guerrilheiras e socialistas antes e durante a Segunda Guerra Mundial.

Apoiados em Karl Marx (1818-1883), Friedrich Engels (1820-1895) e Vladimir Lênin (1870-1924), além de suas próprias práticas e conclusões de suas experiências locais, movimentos guerrilheiros de esquerda desenvolveram um considerável número de trabalhos focadas em questões sociais, econômicas, culturais, históricas e militares, tanto sobre aqueles que desejavam derrotar quanto aos caminhos que prometiam trilhar. Conceitos importantes em suas formulações, como capitalismo, imperialismo e colonialismo, derivam de autores que estruturaram o mundo Ocidental e sua expansão global dentro de parâmetros que buscavam explicar as desigualdades e opressões características do Terceiro Mundo. Exemplo disso é a formulação leninista sobre imperialismo em seu livro *O Imperialismo, Estágio Superior do Capitalismo* (1917), onde o revolucionário relaciona o desenvolvimento capitalista com a exploração de colônias na Ásia, África e América Latina (Jalée, 1981, p. 5).

A relação desigual entre centro (Europa Ocidental e Estados Unidos) e a periferia (Terceiro Mundo), foi combatida por movimentos que adotaram a guerra de guerrilha. O objetivo não era a guerra, mas o que ele poderia atingir: fim do imperialismo, do colonialismo, do neocolonialismo, do capitalismo e da exploração dos países subdesenvolvidos (Jalée, 1981, pp. 16-17).

Outro componente do cânone das guerrilhas de esquerda na segunda metade do século XX, coaduna com o pensamento de Lênin exposto anteriormente. Trata-se de uma visão da história que justifica e motiva suas ações, sua luta, e o futuro proposto. Esses movimentos ancoram-se na ideia de que o apogeu capitalista e Ocidental tem

início com a expansão europeia, ou seja, de forma global do Renascimento às navegações, passando pelas colonizações da América, Ásia e África. Nessa criação de um mundo desigual, uns se desenvolvem e outros são explorados. (Amin, 1977, pp. 113-114). O capitalismo é compreendido de forma global, quase totalizante, que influencia diversas regiões do globo. É dentro dessa historiografia que muitos grupos se situam e ela é parte importante dos componentes intelectuais que as sustentam.

### **Guerrilha: local e global**

As forças comunistas na China conseguiram combater os invasores japoneses e Mao Tsé-Tung (1893-1976) acreditava que, onde os governos falhavam em fornecer condições dignas de viver, haveria sempre um potencial revolucionário (Zedong, 2005, p. 10). O potencial revolucionário de Mao foi realizado através da guerra de guerrilhas, seja na derrota do Japão (1945) ou do Kuomintang na China continental (1949). A vitória de Mao deu mais ímpeto para as possibilidades socialistas, revolucionárias e guerrilheiras em outros contextos de luta. As lutas de guerrilha dos *partisans* iugoslavos de Josip Broz Tito (1892-1980) contra os nazistas (1941-1945), também são exemplos desse sucesso guerrilheiro e revolucionário.

A China de Mao marca o primeiro grande momento de luta guerrilheira e revolucionária no terceiro mundo depois da vitória bolchevique na Rússia (1917-1923). Mao pensava a guerra de guerrilhas como uma forma de obter vitória militar e política para a revolução. Agitando os camponeses com o partido, operando em várias frentes de combate, criando bases de operações e praticando ações rápidas, móveis e voltadas a desestabilizar o Estado, Mao buscava tomar o controle da China (Dias, Carriço, 2009, p. 205). Ao sul da fronteira chinesa, os comunistas do Vietnã também se guiaram pela formação de um exército guerrilheiro que também era caracterizado como um braço armado do partido.

Como parte dos embates da Guerra Fria entre os modelos socialistas e capitalistas, a Indochina foi palco de combates entre vietnamitas apoiados por Pequim e por franceses apoiados por Washington (Clayton, 2012, p. 524). O maoísmo cruzou

as fronteiras da China não só em termos políticos, mas também em suas concepções militares que foram ensinadas e utilizadas no Vietnã. A mobilização, educação, treino, propaganda, resguardo de áreas de operação e dispersão das forças inimigas foram praticadas tanto na Guerra Civil Chinesa (1927-1949) quanto na Guerra do Vietnã (Clayton, 2012, p. 521).

Ho Chi Minh (1890-1969), assim como Mao, via em Lênin um exemplo de liderança aos trabalhadores e oprimidos (Minh, 1972, p. 53). Minh pensava na Revolução Russa como um exemplo do triunfo do socialismo, acreditando que o partido que coordenava era herdeiro da revolução de 1917. Minh reconhece o contributo de Marx, Lênin e Josef Stalin (1878-1953) para os revolucionários do mundo, mas também vê a importância de Mao em adaptar os ensinamentos dos três para a realidade chinesa (Minh, 1971-1972, p. 16). A guerrilha vietnamita se ampara nos exemplos das revoluções russa e chinesa, seja política ou militarmente, mas compreende a necessidade de construir os seus próprios métodos em sua conjuntura local. O exemplo vietnamita e chinês demonstra como grupos guerrilheiros comunicam-se e adaptam as ideias e as experiências de outras guerrilhas para os seus contextos, além de se tornarem locais para a formação de novas formulações sobre guerrilha.

Para o general vietnamita, Võ Nguyên Giáp (1911-2013), era necessário combinar a política com as armas em uma aliança entre os trabalhadores urbanos e rurais para realizar a descolonização, unificação e revolução no Vietnã (Giap, 1976, pp. 6-7). O guerrilheiro, além de um militar torna-se também um agente político, não só porque destrói as instituições e a força capitalista do outro lado, mas porque ensina o funcionamento de um mundo novo. No caso de Giáp, os soldados eram responsáveis por levar em suas missões o partido e seus ensinamentos inspirados no Marxismo-Leninismo, (Giap, 1976, p. 9).

Nos termos de Giáp, uma revolução é possível através da formação de um exército cujo principal inimigo são as forças armadas do Estado capitalista que se busca derrubar. Sem o apoio dos trabalhadores, então transformados em combatentes, os capitalistas não podem manter seu poder para suprimir as resistências (Giap, 1976, p.



23). No período em que Ho Chi Minh e Giap coordenavam as ações em seu país, diversos outros locais colonizados pela Europa lutavam pela descolonização. Giap acreditava que a independência podia ser conquistada através de muitas formas e a luta armada era uma delas, mas que sempre era necessário, em algum grau, recorrer ao armamento do povo, independente da forma de luta (Giap, 1976, p. 45).

A vitória vietnamita contra a França e o maior poder militar do Ocidente, mostrou que era possível um povo e forças armadas com menos recursos financeiros e tecnológicos, impor uma derrota contra uma força mais poderosa em diversas áreas. A vitória também mostrava a cooperação entre movimentos anticoloniais e anti-imperialistas que lutavam contra forças regulares e com mais recursos. A guerra de guerrilha tornou-se uma forma de fazer a revolução e o nome de Ho Chi Minh e do general Võ Nguyên Giáp se transformaram em sinônimos de sucesso guerrilheiro na Guerra Fria, influenciando movimentos em África e na América Latina (Clayton, pp. 525-526).

As vitórias guerrilheiras permitiram o surgimento de figuras influentes para a divulgação da guerrilha. Mao Tsé-Tung, Ho Chi Minh e Võ Nguyên Giáp são nomes influentes sobre teoria e método da guerra de guerrilha. Todos eles, em alguma medida, praticaram e escreveram sobre a necessidade desse tipo de luta. Mao produziu o livro *On Guerrilla Warfare* (1937) e Giap o livro *People's War, People's Army* (1961). Seus exemplos e escritos foram influentes para outros guerrilheiros ao redor do sul global. Tanto suas imagens como suas ideias transpuseram as fronteiras de seus respectivos países e tornaram-se armas nas mentes e nas mãos daqueles que buscavam atingir o poder.

As interações entre Ásia e África começaram a ser fundadas com a Conferência de Bandung em 1955, quando 29 países asiáticos e africanos afirmaram sua posição contra o colonialismo e o neocolonialismo. Esse momento foi seguido por mais interações entre os dois continentes como a Conferência de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos que ocorreu no Cairo, em 1957. Em África foi especialmente comum as conferências entre líderes, Estados e partidos africanos como em 1957, quando a Gana

independente de Kwame Nkrumah (1909-1972) realizou a Conferência dos Estados Africanos. O governo de Nkrumah seria responsável pela organização da Conferência de Todos Povos Africanos em 1958 em Acra, em 1960 em Túnis e em 1961 no Cairo (Prashad, 2007, p. 24). A unidade e solidariedade entre movimentos contrários ao colonialismo, ao neocolonialismo e ao capitalismo ocorria entre os dois continentes e dentro deles próprios.

A cooperação entre África e Ásia é mais antiga que a cooperação desses dois continentes com a América Latina. Uma das razões é que os países latino-americanos não compartilhavam uma experiência recente de colonialismo e estavam submetidos por um poder imperialista diferente, os Estados Unidos. Aos movimentos políticos da esquerda latino-americana o principal inimigo era os Estados Unidos e não a Europa. Outra diferença era que as lideranças e os movimentos latinos encontravam a proximidade na língua espanhola e portuguesa, enquanto os movimentos de libertação em África e Ásia tinham o francês e o inglês como línguas em comum (Prashad, 2007, p. 28).

Em 1961 a faixa terrestre dos movimentos anticoloniais foi alargada quando, em Belgrado, o Movimento dos Países Não-Alinhados foi formado com representantes da Ásia, África, América Latina e Europa (Prashad, 2007, pp. 101-102). Essa interação prosseguiria em consequentes encontros como em Havana, em 1966, quando ocorreu a Conferência Tricontinental que reuniu movimentos socialistas e figuras expoentes da guerra de guerrilha como Che Guevara (1928-1967) e Amílcar Cabral (1924-1973). A Tricontinental apoiava as guerras anticoloniais em curso e condenava o imperialismo europeu e estadunidense. O encontro reuniu delegações de três continentes para concretizar laços de solidariedade e fomentar a luta armada (Prashad, 2007, p. 112; Bouamama, 2017, pp. 212-213).

Esses espaços podem ser considerados importantes marcos na história das relações internacionais e das cooperações sul-sul, mas são também espaços de transmissão e compartilhamento de ideias que não ocorrem apenas no discurso de delegados favoráveis a luta armada, mas também nas discussões não registradas entre

participantes, na criação de alianças formais e informais entre movimentos e na troca de experiências sobre guerra de guerrilha. O que é mais fácil de recuperar são os escritos das maiores figuras guerrilheiras, sendo necessário recorrer a diários, autobiografias, biografias e entrevistas para recolher material de grupos guerrilheiros e indivíduos menos conhecidos.

Da presença africana na Tricontinental, Amílcar Cabral falou sobre a necessidade de formar um saber adaptado aos cenários da realidade vivida em África, o que incluía pensar a guerra de guerrilhas, a descolonização e a transformação revolucionária na Guiné (Bouamama, 2017, p. 261). Pensando nas etapas de uma revolução, Cabral entendia que era necessário um processo anterior de mudanças culturais e de trabalho intelectual. Somente depois disso ser concluído é que se poderia iniciar um processo de mudança mais profundo e radical (Bouamama, 2017, p. 268).

Na América Latina, o exemplo guerrilheiro de maior sucesso viria de Cuba e seu representante argentino, Ernesto Guevara, tornou-se o rosto da luta guerrilheira e revolucionária. A Revolução Cubana (1953-1959) acabou inspirando movimentos na América Latina, mas as ações militares de Che Guevara e Fidel Castro foram mais impactantes em África do que no próprio continente. É de Cuba que Che ganhou experiência para escrever o livro *La Guerra de Guerrillas* (1960).

Guevara acreditava que forças populares podiam vencer um exército inimigo mais bem equipado, que era viável a criação de condições para a revolução e que o local exato para essa luta são as áreas rurais (o que o aproxima do exemplo de Mao, que focava sua luta nas regiões camponesas, o que também sucedeu em Cuba, mas fracassou na tentativa de Guevara em estabelecer uma guerrilha revolucionária na Bolívia). O objetivo dele ao escrever o manual de guerrilha foi justamente tornar sua experiência de guerrilha mais próxima à de outros lutadores em busca de descolonização, revolução ou libertação (Guevara, 2004, p. 9-10).

Na concepção de Guevara a guerra de guerrilha é a guerra das massas, porque luta por ela e depende dela. Sua luta é pela libertação contra o capitalismo e quem faz parte de suas fileiras são os trabalhadores, aqueles que, em sua concepção, mais têm a

ganhar nessa luta. Guevara entende a praticidade da boa relação do guerrilheiro com os civis de sua área de atuação uma vez que a guerrilha não dispõe dos mesmos recursos que um Estado inimigo (Guevara, 2004, pp. 10-11). A observação de Guevara é válida porque ele examina a situação local e compreende que a guerrilha é o método mais adequado em um cenário onde as desvantagens materiais impedem uma outra forma de luta e vê na numerosidade populacional das classes baixas a vantagem dessa estratégia.

A importância das massas não foi observada apenas por Che. Antes dele, Mao, Giap e Minh discutiram a necessidade da guerrilha estar em contato com aqueles com os quais eles defendiam. O general Giap acreditava que era preciso mobilizar os trabalhadores para a luta de guerrilhas e para a revolução (Giap, 1976, p. 18). Mihn pensava que todo o povo do Vietnã deveria participar da resistência até a vitória ser atingida (Mihn, 1971-1972, p. 50). Mao guiava-se pelo Marxismo-Leninismo em nome dos trabalhadores rurais para a libertação da China contra os japoneses e contra as classes superiores. Essa mesma lógica aparece em outros cenários, como no Uruguai, onde os Tupamaros pensavam que, sem o apoio popular, não seria possível fazer a guerrilha expandir e fazer a luta revolucionária progredir (Actas Tupamaras, 1976, p. 20).

O mesmo se observa na luta de guerrilhas da Colômbia. Para as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), o guerrilheiro era um indivíduo que participava de atividades culturais e educativas junto do povo (Arenas, 1971, p. 36). Essa é uma função essencial porque a guerrilha depende e vive em função das massas (Arenas, 1971, p.93) e sem os seus apoios, torna-se difícil a guerrilha sobreviver ou expandir (Arenas, 1971, p. 91). Kwame Nkrumah mantém essa tradição em seus escritos. Para o líder ganês, as guerrilhas são invencíveis se conseguirem manter sua ligação com as massas de trabalhadores (Nkrumah, 1969, p. 120). Nkrumah considera o guerrilheiro como aquele que está ideologicamente armado para realizar a revolução junto do povo pelo qual ele deve lutar, ensinar, apoiar e ser apoiado (Nkrumah, 1969, p. 122).

O historiador que se deparar com a história das guerrilhas de esquerda no contexto da Guerra Fria, verá que é comum aos movimentos a enunciação de que lutam pelas classes mais baixas e oprimidas, ao mesmo tempo que atuam sobre esses segmentos considerados essenciais para as lutas políticas e militares. Esses saberes circulavam de maneira clandestina, o que torna difícil o trabalho do pesquisador. Ter que trabalhar com informações cujos emissores desejavam manter escondidas, aumenta a dificuldade do garimpo de fontes. O que torna essencial o trabalho de procura por livros e outras publicações clandestinas, bem como entrevistas com diferentes participantes dessas redes e grupos de combate. Pela facilidade de acesso, acredito que as conferências entre os movimentos do terceiro mundo são um ponto de acesso inicial e um exemplo disso são as cooperações militares Sul-Sul no campo da guerrilha.

O historiador indiano Vijay Prashad argumenta que os maiores beneficiados pela criação do Movimento dos Países Não Alinhados foram os movimentos de libertação contra o colonialismo. Um exemplo ocorreu com o apoio ao Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), liderado por Amílcar Cabral. Cabral participou da segunda conferência no Cairo, em 1961, e seu partido já travava uma luta de guerrilhas contra o colonialismo português, que enfrentava uma guerra também em Angola e Moçambique (Prashad, 2007, p.103). O auxílio material soviético beneficiou Cabral, assim como a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

Cabral, seguindo uma linha Marxista-Leninista, argumentava sobre a necessidade de uma análise da situação antes de se iniciar uma guerra de guerrilha. Mas adaptando suas ferramentas teóricas ao terreno da Guiné-Bissau, Cabral pensou nas relações raciais e culturais em uma situação colonial e em vias de descolonização (Bouamama, 2017, pp.258-259).

O exemplo de Cabral é bom para verificarmos a transmissão de saberes sobre guerrilha entre diferentes locais do globo que, na Guiné, se adaptaram à conjuntura e aos conhecimentos locais. O PAIGC organizou milícias populares ao modo de Cuba

(Prashad, 2007, p. 139) e Cabral foi bastante influenciado pelo maoísmo nas primeiras fases da guerra anticolonial. Suas viagens para China em busca de apoio para a guerra, além do treinamento de guerrilheiros na Academia Militar de Nanquim, permitiram ao PAIGC utilizar e adaptar os ensinamentos de guerrilha advindos da experiência chinesa (Tomás, 2007, p. 158).

Kwame Nkrumah, primeiro líder de um país africano independente da África sul-saariana em 1957, sofreu um golpe de estado em 1966 e exilou-se em Conakry, capital da Guiné, onde mantinha encontros com Amílcar Cabral (Milne, 1987, p. 40). Cabral, que já era experiente nas guerras de guerrilha, influenciou Nkrumah na escrita de seu manual de guerrilha que foi publicado em 1968 com o título de *Handbook of Revolutionary Warfare*. Nas suas páginas nós lemos as influências de Cabral e Mao na maneira como ele pensa as áreas de operação da guerrilha e as influências de Guevara em sua proposta de revolução mundial através de muitos Vietnãs (Nkrumah, 1969, pp.45-46) . Em outras palavras, diversas frentes de guerrilhas de forma global e com o objetivo de aniquilar as forças capitalistas centrais (Nkrumah, 1969, pp. 20-21).

Nkrumah era um proponente do socialismo, do panafricanismo e da luta contra o imperialismo em todo o planeta. Assim como outros movimentos guerrilheiros, Nkrumah entendia que as lutas locais enfrentadas em África são pequenas batalhas cujo maior inimigo, aquele responsável pelo conflito, é o imperialismo (Nkrumah, 1968, p. 16). As guerrilhas lutavam contra forças locais, mas em sua compreensão, essas forças eram um efeito de algo mais amplo. Muitas guerrilhas descrevem que, além dos inimigos que enfrentam diretamente, o principal inimigo é o imperialismo. Dessa maneira, muitos grupos guerrilheiros acreditavam estar a lutar contra um inimigo em comum que estava espalhado por muitos locais do planeta. E, além disso, os triunfos locais das guerrilhas permitia a visualização de uma derrota global do imperialismo e do capitalismo.

Jacobo Arenas, um dos líderes das FARC diz que: “Os inimigos que combatemos aqui, nestas florestas, são apenas um pequeno destacamento do imperialismo (Arenas, 1971, p.53).” Para os Tupamaros, no Uruguai, a guerrilha era um método de libertação e revolução que não era procurado por eles, mas era a forma requerida frente às

imposições do inimigo que, de acordo com eles, se chamava imperialismo (Actas Tupamaras, 1976, p. 26). No Brasil, Carlos Marighella (1911-1969) segue o mesmo trajeto e compreende que é o imperialismo que age por trás de golpes militares e na supressão de movimentos de libertação (Abreu, sem ano, p. 104).

Ásia, África e América Latina possuem questões semelhantes em suas histórias que eram exploradas pelas historiografias e ideologias desses grupos. As três áreas foram colonizadas pela Europa (em um momento mais antigo no caso da América) e, mesmo após as descolonizações, sofreram com o domínio da Europa e dos Estados Unidos em assuntos internos e externos ao longo da história. O imperialismo era identificado como o principal motor das intromissões do centro na periferia e responsável pela exploração dos povos, pela situação de subdesenvolvimento e até da dependência dos países de terceiro mundo (Jaffe, 1981, pp. 7-8; Prashad, 2007, p. 68).

Essa é outra dimensão do patrimônio intelectual das guerrilhas que pode ser explorado pelas ciências humanas. Movimentos guerrilheiros de esquerda, no contexto da Guerra Fria, desenvolviam saberes que eram específicos aos seus locais de origem mas que buscavam explicar múltiplas histórias locais e globais. Produziam histórias que moralizavam e justificavam suas ações e métodos. A figura do guerrilheiro se encaixa nesse ponto porque é alçado ao nível de herói e representante de grupos armados e ideologias que representam narrativas históricas alinhadas com interesses políticos.

Indubitavelmente, intelectuais geraram discussões sobre o papel da guerrilha e do guerrilheiro, seus discursos e publicações coadunavam com interesses políticos e revolucionários. Frantz Fanon, um dos mais populares intelectuais em estudos pós-coloniais, decoloniais e para a história da luta anticolonial, Frantz Fanon, é um exemplo. Fanon era um entusiasta das lutas armadas, tendo participado ativamente para este propósito na Argélia (Tomás, 2007, p.157). Defendendo que o colonialismo era definido pelas suas diversas formas de violência contra o colonizado, Fanon esperava uma descolonização violenta para destruir as práticas e a mentalidade colonial (Bouamama, 2017, p.146). Suas reflexões sobre as independências e a luta de classes em África, levaram-no a afirmar que, mesmo após a expulsão do colonizador, a luta deveria seguir

para que uma verdadeira revolução das massas camponesas atingisse o poder contra as burguesias nacionais (entendidas como colaboradores das metrópoles e herdeiros coloniais) (Bouamama, 2017, p. 154).

A cooperação intelectual entre indivíduos e grupos de guerrilha, ia além de teorias. Muitos grupos guerrilheiros operaram - tanto na fase de treinamento quanto na fase de operações - com o apoio político e material de forças que não estavam diretamente envolvidas na guerra. Esse apoio ocorria junto da propaganda, da popularização de sua luta e de seus ideais anticolonialistas, anti-imperialistas e anticapitalistas (Clayton, 2012, p. 520). Fanon produziu extensos escritos sobre os três grandes inimigos das guerrilhas: capitalismo, imperialismo e colonialismo. Não deixou de lado análises históricas, sociais e sobre guerras de guerrilha. Outrora escreveu que as vitórias Argelinas contra a França representavam um exemplo para os povos oprimidos do Terceiro Mundo e exemplo de que “São os povos coloniais que devem libertar-se da dominação colonialista” (Fanon, 1980, p. 127). Esse embate argelino, ainda que local, para Fanon era parte de uma luta global contra o capitalismo (Fanon, 1980, p. 149).

As ligações globais de grupos guerrilheiros locais fica aparente também nos contatos com países socialistas dispostos a investir em treinamento, armamento e financiamento na criação e manutenção de guerrilhas em outros países. O Brasil oferece bons exemplos disso. As Ligas Camponesas fizeram um pedido de treinamento para Cuba em 1961. Em 1962, uma delegação cubana que estava no Rio de Janeiro sofreu um acidente de avião e entre os destroços foram encontrados documentos sobre o financiamento de guerrilheiros por parte de Havana (Magalhães, 2012, p. 263-264). O Partido Comunista Brasileiro, que passou longos períodos na clandestinidade, também negociou a possibilidade de treinar membros em Cuba, mas optou pelo treinamento de pelo menos dez membros na União Soviética (Magalhães, 2012, p. 268). Membros da Ação Popular obtiveram treinamento na China (Magalhães, 2012, p. 338). A Coreia do Norte treinou guerrilheiros da Aliança Libertadora Nacional (ALN) de Marighella. Além do treinamento, Pyongyang, supostamente, contribuiu com dinheiro para a luta armada



(Magalhães, 2012, p. 509). Mas o principal centro influente da guerra de guerrilha, para a ALN, foi Cuba que treinou 92 guerrilheiros entre 1967 e 1970 (Sales, 2009, p.213).

No exemplo cubano, Marighella buscou a experiência para se adaptar ao território brasileiro. As táticas e as semelhanças de seu ideário revolucionário com o cubano serviram de base para ele pensar a função da guerrilha (Sales, 2009, pp.203-204). Isso não impediu que ele se utilizasse de exemplos chineses e argelinos (Sales, 2009, p. 215). Marighella representa essa transmissão de conhecimentos sobre guerrilha em redes de apoio internacional. Ele esteve em Cuba em 1967, o que influenciou seu pensamento sobre a necessidade de desenvolver e aplicar a luta armada no Brasil, o que acabou em sua expulsão do Partido Comunista Brasileiro. O exemplo também demonstra que, entre movimentos de esquerda, as estratégias nem sempre eram pelo confronto direto e pela luta armada (Sales, 2009, p.206).

Como outros movimentos apresentados, o foco dos guerrilheiros da Aliança Libertadora Nacional era a destruição do imperialismo das forças centrais, em especial os Estados Unidos, e seus aliados brasileiros, como as forças armadas<sup>3</sup>. O objetivo era a transformação radical da realidade brasileira, mas também, com objetivos de fomentar mudanças rápidas em outros cenários afetados pelo imperialismo (Sales, 2009, p.208). No Brasil, Marighella escreveu em seu *Minimanual do Guerrilheiro Urbano* (1969) que a revolução brasileira era caracterizada pela expropriação dos grandes negócios, principalmente as companhias alinhadas com o imperialismo (Marighella, 2016, pp. 12-13).

O apoio material de lutas locais junta-se com os interesses globais em disputas na Guerra Fria. A luta entre capitalismo e socialismo não significava que OTAN, Pacto de Varsóvia, China ou Havana tinham as mesmas posições em relação às colônias na África, Ásia e aos países latino-americanos. As conjunturas locais acabavam definindo a posição dos países em competição, mesmo quando membros da mesma aliança. A

---

<sup>3</sup> Nas palavras de Marighella: “The urban guerrilla is not afraid to dismantle and destroy the present Brazilian economic, political and social system, for his aim is to aid the rural guerrillas and to help in the creation of a totally new and revolutionary social and political structure, with the armed population in power” (Marighella, 2016, p. 6).

Holanda, por exemplo, se viu forçada a negociar com Sukarno devido à pressão dos Estados Unidos que não apoiava a manutenção do seu domínio colonial na Indonésia (Clayton, 2012, p. 531). As disputas coloniais eram uma fonte de problemas para os aliados da OTAN e em como cada país buscava realizar sua política externa (Schmidt, 2013, p. 22).

Em Angola, a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) recebeu apoio de Pequim enquanto o MPLA recebeu apoio dos países membros do Pacto de Varsóvia (Clayton, 2012, p. 533). O exemplo de Angola é bastante expressivo nessa situação onde uma luta local está intrinsecamente ligada às disputas globais da Guerra Fria. Estados Unidos, o Pacto de Varsóvia, a China, a África do Sul e Cuba tiveram importantes atuações ora direta, ora indireta na descolonização e na guerra civil angolana (Clayton, 2012, p. 535).

No interesse de Moscou em fragilizar os já combalidos impérios de Paris e Londres, a emergência das novas nações era vista como algo positivo, pois enfraquecia ainda mais a posição deles no restante do mundo. Era uma oportunidade de promover suas explicações econômicas, sociais e históricas que viam no capitalismo o motivo do subdesenvolvimento dos países do terceiro mundo, permitindo uma aproximação diplomática com movimentos anticoloniais e anti-imperialistas. Egito, Gana, Guiné, Mali, Somália, Angola, Moçambique - que também recebeu apoio da Tanzânia, Zâmbia e China (Clayton, 2012, p. 534) -, Rodésia (atual Zimbábue) foram alguns dos países que receberam ajuda econômica e bélica da União Soviética (Schmidt, 2013, pp. 25-26).

Pequim também via nos movimentos de libertação uma possibilidade de enfraquecer os colonialistas e o imperialismo, o que não significava que eles apoiavam os mesmos grupos que os soviéticos, ainda que também tenha garantido treinamento militar para países como Moçambique e Guiné-Bissau, que mantinham relações com Moscou. Em comparação, a proposta chinesa de guerra de guerrilhas era mais pertinente ao continente africano do que a proposta soviética, onde os trabalhadores urbanos seriam a espinha dorsal da revolução. Na África pouco industrializada, a força da guerrilha era mais facilmente encontrada e desenvolvida em um ambiente rural, que

é parte da experiência militar chinesa e parte do pensamento militar de Mao (Schmidt, 2013, pp. 27-28).

Além do Pacto de Varsóvia e da China, um quarto elemento que, apesar de seu tamanho, foi de veras presente e importante em movimentos guerrilheiros e de descolonização foi Cuba. O governo socialista de Havana operou entre 1966 e 1974 em Guiné-Bissau, onde treinou, equipou e lutou ao lado de movimentos de libertação como em Angola, não só como forma de enfraquecer os colonialistas e o capitalismo, mas para libertar e promover o seu modelo em África (Schmidt, 2013, p. 29). Cuba possuía missões diplomáticas na Argélia, Gana e Guiné-Bissau, três expoentes de visões contra o imperialismo, o colonialismo e o capitalismo. Já em 1963 o PAIGC pedia apoio de Cuba para treinar membros de seu partido em guerra de guerrilha, mas só em 1964, com a viagem de Che Guevara por países africanos é que o interesse de Havana se tornou maior com o continente. Guevara acabou por se encontrar com Amílcar Cabral e Kwame Nkrumah em 1965, também defensores das guerras de guerrilhas (Gleijeses, 1997, p. 47).

Essas diferentes interações entre promotores da guerrilha podem servir para organizar as guerrilhas do terceiro mundo dentro de modelos guerrilheiros que representam diferentes concepções. Chinês, cubano, soviético, norte-coreano, seriam alguns dos modelos, por exemplo. Isso permite ao historiador estabelecer redes de contato entre os importadores e os exportadores desses modelos, bem como as formas que foram empregadas e adaptadas e como influenciaram outras guerrilhas. Uma forma inicial de realizar isso é através da circulação de manuais de guerrilha.

Diversos livros de guerrilha se originaram das experiências guerrilheiras que buscavam ser um contributo para outros movimentos e lutadores. Exemplo disso é o livro *Colômbia, luta de guerrilhas*, de Jacobo Arenas, que é baseado em um diário de campanha (Arenas, 1971, p. 9). Em um dos capítulos, Arenas adjunta a descrição de um guerrilheiro sobre como se organizar e lutar a guerra de guerrilhas com o objetivo de prover os métodos empregados na Colômbia (Arenas, 1971, p. 63).

No Uruguai, os Tupamaros compilaram textos que tratavam de suas experiências de guerrilha urbana para serem transmitidas para outros grupos (Actas Tupamaras, 1976, p.7). Numa entrevista com o comandante Salvatierra da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), de El Salvador, o autor Carlos Gil, ao indagar o comandante sobre a validade das experiências de sua guerrilha para outros guerrilheiros, ouviu que: “as experiências revolucionárias servem a outros povos, mas cada povo tem as suas próprias características e os revolucionários devem escolher em cada processo os pontos positivos da sua experiência (Gil, 1983, pp. 112-113).” O que demonstra como não é possível conceber uma única forma de guerrilha e que, apesar de características em comum, como o apoio das massas, propaganda e furtividade, cada guerrilha terá de achar as condições de sua região, geografia, cultura e demais conjunturas sociais e políticas. Além disso, cada grupo desenvolverá táticas e logísticas locais e em conexão com apoios internacionais de diferentes países e interesses, seja esse apoio material ou apenas no plano teórico.

Importantes contributos que circularam foi *La Guerra de Guerrillas* de Guevara, *Handbook of Revolutionary Warfare* de Nkrumah, *Actas Tupamaras* (anônimo), *On Guerrilla Warfare* (1937) de Mao, e o *Minimanual do Guerrilheiro Urbano* (1969) de Marighella. A circulação desses manuais era importante tanto para os guerrilheiros que buscavam criatividade em suas organizações e ações, como para as forças de segurança estatais que tinham como objetivo desbaratar as guerrilhas.

O *Minimanual do Guerrilheiro Urbano* de Marighella, percorreu o mundo, tendo estado presente em Cuba em 1969, na França em 1970, e foi estudado por grupos como as Brigadas Vermelhas na Itália, o grupo guerrilheiro Fração do Exército Vermelho, mas conhecido como *Baader-Meinhof*, na Alemanha, a Organização pela Libertação da Palestina, e o Exército Simbionês de Libertação nos Estados Unidos (Magalhães, 2012, pp. 505-506). A construção da escrita desses manuais, sua circulação nos territórios de autoria, ao redor do mundo e suas traduções, a maneira como foram influentes em organização e operações de guerrilha ou como foram readaptados, oferecem oportunidades de uma rica exploração para a história das guerrilhas.

Através desses manuais se pode verificar as formas que as guerrilhas pensavam o seu processo de atuação. Elas, invariavelmente, trabalham com a ideia de etapas em suas lutas. Marighella pensava na organização de grupos guerrilheiros, seguindo para uma implantação da luta guerrilheira e o desenvolvimento de um processo de guerra revolucionária (Abreu, sem ano, pp. 66-67). No seu processo revolucionário, Marighella acreditava na propaganda e na infiltração em instituições governamentais, em atos de resistência contra as autoridades, em ataques a mão armada, terrorismo, sabotagens, roubo de armas e dinheiro, para fortalecer a guerrilha. Desse modo, seria capaz de criar zonas livres do controle inimigo e, com o tempo, formar um exército com características mais formais (Abreu, sem ano, pp. 68-69).

De forma semelhante, os Tupamaros tomavam o exemplo das revoluções russas, cubanas e chinesas para pensar estágios da luta. Para o grupo, era necessário gerar greves e atacar o regime com uso de armas (como na Rússia); criar um foco guerrilheiro para aumentar suas forças enquanto sabota o governo e divulga sua política (como em Cuba); e realizar trabalho político dirigido às populações rurais (como na China) (Actas Tupamaras, 1976, pp. 12-13).

Na China, Mao denominava como áreas de guerrilha as zonas de operação da guerrilha. As regiões tomadas do inimigo eram denominadas de áreas bases. Esse processo de transformação de uma área de guerrilha para uma área base se caracterizava por um longo processo de aniquilação dos inimigos e o nível de aderência da população local aos guerrilheiros (Mao, 1954a, pp. 35-36).

Cabral, na Guiné, pensou uma formulação semelhante, onde as zonas libertadas pela guerrilha eram também zonas de transformação social e política através do ensino (Bouamama, 2017, p. 269). Kwame Nkrumah não foge dessa tipificação em seu manual. Ele pensava que populações locais deveriam apoiar e lutar em suas regiões em vias de libertação. Os apoiadores nas áreas de atuação da guerrilha eram importantes para fornecer informações e suprimentos aos guerrilheiros, criando áreas livres do neocolonialismo e promovendo valores revolucionários (Nkrumah, 1969, pp. 111-112).

Os motivos das guerrilhas são muitos e dificilmente haverá um motivo isolado para explicar a criação de forças armadas que lutam através desse tipo de guerra. Resistência contra uma presença estrangeira, libertação, revolução, anti-imperialismo, são alguns dos motivos enumerados por François Sully (1970, pp. 212-213). Guerrilheiros de movimentos socialistas e comunistas se inspiraram na vitória russa de 1917 e chinesa em 1949.

Segundo Mao, a revolução podia ser atingida através da tomada violenta do poder e a guerra de guerrilha foi essencial nas condições que ele encontrou. Mas Mao, além de entender a articulação da guerrilha com a revolução, também empreendeu um esforço intelectual em compreender ela como uma forma de atingir objetivos Marxistas-Leninistas na China, sem que isso significasse um empreendimento dogmático, como é verificado e suas adaptações locais (Tse-Tung, 1954). Essa é uma característica que deve sempre ser observada nas guerrilhas de esquerda. A relação delas com o campo da política e das ideologias revela ou facilita a compreensão sobre seus vieses revolucionários.

A irradiação das vitórias do campo socialista e inspiradas em Marx e Lênin, não podem ser ignoradas na compreensão das guerras de guerrilhas durante a Guerra Fria. Seja em África, Ásia ou na América Latina, os grupos guerrilheiros que buscavam uma alternativa ao capitalismo faziam diferentes interpretações, ainda que sob os mesmos paradigmas. Marighella, no contexto brasileiro, afirmava que o leninismo estava presente onde os proletários faziam valer a sua força (Abreu, sem ano, p. 100). Ele não negava as práticas de outros revolucionários, mas compreendia que seu caminho revolucionário e sua forma de guerra de guerrilha estava adaptado ao contexto brasileiro, afirmando que era Marxista-leninista, mas não ortodoxo (Abreu, sem ano, pp. 125-126). Além de todas suas ligações ao nível mundial e interpretações do mundo e da história, Marighella é um exemplo do fenômeno global das guerrilhas e suas ramificações locais.

## Conclusão

Esse é um trabalho que não se encerra aqui, mas permite uma entrada na história da guerra de guerrilhas no século XX. Considerando que o campo possui limitações e possibilidades, busco oferecer uma visão sobre as interações das engrenagens locais e internacionais em movimentos de guerrilha com respeito à transmissão de ideias e experiências. Este é um convite de entrada para uma área que pode desenvolver-se e por fim, frutificar em bons resultados na história militar do sul global, seja em locais específicos ou nas ligações globais.

Fazer uma história das guerras de guerrilhas é fazer uma história com fragmentos locais e globais, difíceis de serem capturados e organizados. Como um esforço inicial, a publicação, divulgação e tradução dos manuais de guerrilha oferece uma boa margem de manobra para se reconhecer a circulação das ideias que formaram e motivaram guerrilhas. As conexões com os ramos políticos para além do marxismo, do leninismo, também pode ser verificado em outros movimentos contrários à hegemonia Ocidental como panafricanismo, pan-arabismo, movimentos negros, movimentos indígenas, e vertentes da esquerda como maoísmo, hoxhaísmo e anarquismo.

Eu não busquei, com esse artigo, encaixar os movimentos guerrilheiros dentro de espaços ideológicos como maoísmo, foquismo ou outras formas de classificar as variadas formas de guerra de guerrilha. Também não pretendi limitar as guerras de guerrilhas a determinados contextos de determinada geografia de diferentes locais, como a China, Vietnã, Cuba ou Brasil. Acredito que essas são possibilidades válidas e permitem conhecermos de forma mais detalhada as especificidades das guerrilhas. Entretanto, de forma a contribuir para uma história global desse tipo de guerra no contexto da Guerra Fria, foi melhor optar pelas ligações entre diferentes grupos e na transmissão de dados sobre as guerrilhas que, de diferentes formas, estão inseridos no contexto de lutas entre socialismo e capitalismo.

A politização das massas para a revolução, para o fomento de uma guerra de guerrilhas, a cooperação entre grupos guerrilheiros e movimentos políticos de diversos países e continentes, a semelhança num ideal de luta contra colonialismo, imperialismo e capitalismo, são alguns aspectos da guerra de guerrilha em ligação com políticas de

esquerdas radicais no contexto bipolar da segunda metade do século XX. No projeto de arruinar o capitalismo e construir o socialismo, as guerrilhas podem ser compreendidas como um fenômeno global da Guerra Fria em que o que estava em jogo eram os rumos da política aos níveis nacionais, continentais e mundiais. Tal definição pode ajudar a nos desviar de uma ideia de uma Guerra Fria focada entre OTAN e Pacto de Varsóvia, e valorizar as experiências históricas bastante quentes que faziam parte do confronto entre os polos, mas também de contextos locais. De outro modo, uma história global das guerrilhas que não seja centrada na Europa, valorizando a agência dos pensadores e movimentos do sul global.

As guerras de guerrilhas, seja em processos de descolonização ou revolução, preenchem uma larga fatia do período da Guerra Fria. Mas isso não significa que elas recebem o devido tratamento. A história sobre as guerras de guerrilhas no sul global oferece muito mais do que contributos para a história militar. Ela permite um mergulho profundo na história das ideias, das relações internacionais, da geopolítica, da tática e da estratégia, do papel da cultura e da ideologia quando se trata de compreender como esses grupos atçaram o mundo durante tanto tempo.

## Referências

ABREU, A. **O Brasil de Carlos Marighela (na senda de Guevara)**. Porto: Latitude Porto, s.a.

ACTAS TUPAMARAS. **Uma experiência de guerrilha urbana no Uruguai**. Lisboa: Diabril, 1976.

ARENAS, Jacobo. **Colômbia, luta de guerrilhas**. Lisboa: Editorial Estampa, 1971.

BOUAMAMA, Said. **Figures de la Révolution Africaine, de Kenyatta à Sankara**. Paris: La Découverte Poche, 2017.

DJAMANCA, Adulai, dir. 2006. **José Carlos Schwarz - A voz do povo**. Lx Filmes/ MC / ICAM / RTP.

CLAYTON, Anthony. Wars of Decolonization, 1945-1975. In: CHICKERING, R.; SHOWALTER, D.; VAN DE VEN, H. (orgs.). **The Cambridge History of War**, vol. 4,



War and the Modern World. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, pp.515-541.

FANON, Frantz. **Em Defesa da Revolução Africana**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1980.

GIAP, Vo Nguyen. **Armamento das Massas Revolucionárias, Edificação do Exército do Povo**. Lisboa: Ulmeiro, 1976.

GIL, Carlos. **El Salvador, o caminho dos guerrilheiros**. Lisboa: Tricontinental Editora, 1983.

GLEIJESES, Piero. **The First Ambassadors: Cuba's Contribution to Guinea-Bissau's War of Independence**. *Journal of Latin American Studies*, Vol. 29, No. 1, 1997, pp. 45-88.

GUEVARA, Che. **La Guerra de Guerrillas**. In: GUEVARA, Che. *Obras Escogidas*. Santiago, Copyleft: pp.8-126, 2004.

JAFFE, Hosea. **Colonialism Today**. Dar es Salaam: Manifest Box, 1981.

MAGALHÃES, Mário. **Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo**. 2012. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARIGHELLA, Carlos. **Minimanual of the Urban Guerrilla**. Utrecht: Foreign Language Press, 2016.

MILNE, June. 1987. **Kwame Nkrumah: Life After the Coup and the Conakry Period**. *New Directions*, Vol. 14, No. 4, 1987, pp.38-40.

MINH, Ho Chi. **O Leninismo e a Libertação dos Povos Oprimidos e Outros Textos**. Porto: Livraria Júlio Brandão, 1971..

NKRUMAH, Kwame. **Handbook of Revolutionary Warfare**. New York: International Publishers, 1969.

PRASHAD, Vijay. **The Darker Nations**. New York: The New Press, 2007.

SALES, Jean Rodrigues. **A Ação Libertadora Nacional, a Revolução Cubana e a Luta Armada no Brasil**. **Tempo**, Vol. 14, No. 27, 2009, pp.199-217.

SCHMIDT, Elizabeth. **Foreign Intervention in Africa, from the Cold War to the War on Terror**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SULLY, Francois. **Age of the Guerrilla**. New York: Avon, 1970.

TOMÁS, António. **O Fazedor de Utopias, uma biografia de Amílcar Cabral**. Lisboa: Tinta da China, 2007.

TSE-TUNG, Mao. 1954. **Problems of War and Strategy**. Peking, Foreign Language Press.

TSE-TUNG, Mao. **Strategic Problems in the anti-Japanese guerrilla war**. Peking: Foreign Language Press, 1954.

ZEDONG, Mao. **On Guerrilla Warfare**. New York: Dover Publications, 2005

Recebido em maio de 2024  
Aceito em agosto de 2024